

22/05/2019

Transtorno Mental é a 3ª Causa de Afastamentos de Trabalho

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Mudanças de humor, tristeza, ansiedade, sentimento de culpa, descontentamento geral, desesperança, perda de interesse, solidão, sofrimento, baixa autoestima, choro excessivo, irritabilidade e isolamento social são sintomas de quem sofre de transtornos mentais e comportamentais no ambiente de trabalho.

A fonte principal destes males que acometem o(a)s trabalhadores(as) é a ganância dos empresários pelo lucro fácil, carga horária cada vez mais excessiva em um ambiente de trabalho que exige do(a)s operários(as) um desempenho sempre além das suas reais condições físicas e mentais. Os trabalhadores ainda convivem com assédio moral e sexual institucionalizados, banalização da violência, relações interpessoais norteadas por autoritarismo de chefias despreparadas e incompetentes, alta concorrência entre o(a)s trabalhadores(as) em busca de metas de produtividade lunática.

Toda essa prática busca a desvalorização das potencialidades individuais do(a)s operários(as), fazendo com que se sintam como máquinas e não seres humanos, dificultando, assim, a percepção dos chamados riscos psicossociais no ambiente de trabalho que afetam a saúde mental. Contribui, também, para o agravamento do adoecimento mental no ambiente laboral, a crise que assola a economia do país, trazendo com ela o desemprego, o endividamento pessoal, o arrocho salarial e a incerteza quanto ao seu futuro e de seus familiares. Grandes responsáveis são os governantes e parlamentares, ambos eleitos pelo povo, que criam leis que só atendem aos interesses da classe patronal e de seus asseclas.

No Brasil, onde as políticas de proteção à saúde do(a)s trabalhadores(as), por parte dos governos inexistem, as doenças de fundo emocional e os transtornos mentais nos ambientes de trabalho vêm ganhando espaço e já são a terceira causa de afastamento por incapacidade para o trabalho, correspondendo a 9% das concessões de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez. Depressão e estresse são a principal causa de pagamento de auxílio-doença não relacionado ao acidente de trabalho, contabilizando 37,67% do total e outros transtornos de ansiedade correspondem a 17%. O estresse foi a causa de 79% dos afastamentos de 2012 a 2016 [Boletim Quadrimestral da Previdência]. Claro que isto são gastos das verbas públicas, pois bem sabemos que os patrões causam as doenças, mas os gastos sempre sobram para nós contribuintes.

Tem-se a recusa por parte dos departamentos médicos das empresas, orientados que são pelos empresários e pela previdência, do reconhecimento da efetiva relação do modelo desumano de trabalho com o adoecimento mental.

O reconhecimento desta relação seria o primeiro passo para a melhoria dos ambientes de trabalho, trazendo um processo focado na prevenção destes agravos e na promoção da saúde e bem-estar do(a)s operários(as).

Pelo contexto apresentado, as reclamações do(a)s trabalhadores(as) não podem ser consideradas “mimimi” pelos departamentos médicos das empresas, nem pelos serviços de saúde governamentais, visto que as vítimas deste mal estão aumentando a cada dia.

Nós, sindicalistas operários, temos que admitir nossa dificuldade em lidar com este grave problema dos transtornos mentais e suas consequências. Falo enquanto ativista metalúrgico, pois trabalhamos em um ambiente majoritariamente masculino, onde um falso vigor físico e mental faz com que cada operário, seja num estaleiro, numa metalúrgica, ou em qualquer fábrica, um pseudo-super-homem impossível de ser abatido por qualquer doença, principalmente de fundo psicológico.

As lideranças sindicais absorvem esta cultura e não se veem debates focados em reconhecer a existência deste adoecimento no conjunto do(a)s trabalhadores(as).

De certa forma, percebe-se até um desprezo pelo tema.

Devemos entender que o(a)s trabalhadores(as), hoje dirigentes sindicais, vieram deste ambiente.

Entendo que as entidades que lutam em defesa da saúde dos trabalhadores terão um papel importante de preparar os sindicalistas para que tenham uma visão voltada para o agravamento do quadro de adoecimento mental.

É necessário nos unirmos em torno desta causa e torná-la um problema de saúde pública, atentando que a OIT nos alerta que na Europa já são 40 milhões de trabalhadores(as) afetado(a)s por transtornos e, no Brasil, a OMS estima que esse número chegue a 23 milhões de trabalhadores(as).

Todos nós devemos nos transformar em militantes na defesa de alertar para a gravidade do problema - chamado transtorno mental - e preparar o(a)s trabalhadores(as) para terem a coragem de se expor tendo a certeza que terão a compreensão como acolhida e não a “chacota”.

Para finalizar, entendo que devemos lutar para que o local de trabalho se torne um ambiente ideal para abordar os fatores psicossociais no intuito de proteger a saúde e o bem-estar social do(a)s trabalhadores(as), por meio de medidas coletivas, de políticas preventivas, eliminando assim o conceito de que o trabalho adoecce. Sem um bom nível de saúde no trabalho o(a)s operários(as) não podem contribuir para a sociedade, nem tampouco para seu próprio bem-estar e de seus familiares.

“Uma organização saudável é aquela que valoriza e pratica a facilitação do bem-estar dos trabalhadores”. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.